

Por que é tão Difícil Implantar Educação Sexual nas Escolas? 5

Zenilce Vieira Bruno¹
Zenilda Vieira Bruno²

A Educação Sexual é defendida desde o começo do século pelos médicos que em 1915 a usavam para combater a masturbação e doenças venéreas, tendo sido a igreja um instrumento de freio, com o objetivo de manter a moral e a dependência que a repressão do pecado e ignorância provocam. No entanto, a mesma conseguiu ser dada de forma curricular e obrigatória aos jovens nos colégios, desde 1956 na Suécia e desde 1973 na França.

Em 1960, ventos liberais, “coincidentes” com o advento da pílula anticoncepcional, que deram maior liberdade a mulher de iniciar sua vida sexual sem o risco da gravidez, trouxeram a Educação Sexual a algumas escolas particulares. Porém com o golpe de 1964 foram exonerados diretores, professores e alunos que continuassem com experiências neste sentido. O governo aliou-se com a igreja, ambos queriam a repressão, não apenas em relação moral, mas social, política e econômica, assim como o planejamento familiar que estimulasse os nascimentos: mais gente, mais pobreza, mais dependência.

Na década de 70 começava a “abertura” parcial e assistemática. No IV Congresso Brasileiro de Orientação Educacional em São Paulo (1976), evidenciou-se a existência de estudos em diversos estados, especialmente

-
1. Orientadora Educacional da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Coordenadora do Setor de Treinamento da Comissão Interinstitucional de Valorização do Adolescente, e da Família (CIVAF).
 2. Médica Ginecologista. Professora da Gineco-Obstetrícia do Curso de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Chefe do Serviço de Tocoginecologia Infanto-Puberal e Adolescência da Maternidade Escola Assis Chateaubriand da Universidade Federal do Ceará.

São Paulo. Oficialmente não havia Educação Sexual no currículo, mas era dado de uma forma discreta, em Programa de Saúde.

O movimento feminista reivindicava a introdução da matéria nas escolas, por achar que o debate sobre sexualidade ajudaria no movimento de Emancipação Feminino. A Educação Sexual era um instrumento eficaz para a redução do crescimento demográfico.

Em 1978 um canal de televisão de grande audiência, levou ao ar um programa sobre Educação Sexual, o que gerou polêmica e o assunto ganhou fortes adeptos. Foi realizado o 1º Congresso sobre Educação Sexual em São Paulo. A sexóloga Maria Helena Matarazzo fez algo inédito: um programa de rádio e serviço telefônico para responder perguntas sobre sexo. Em 1980 a Educação Sexual entra com toda a força. A sexóloga Marta Suplicy fala de sexualidade na televisão em um programa diário de grande audiência. Sexo se tornou popular e objeto de estudos de vários profissionais, sobre diversos aspectos e objetivos.

Em 1983 aconteceu o 1º Encontro Nacional de Sexologia em São Paulo. Surgiram grupos multidisciplinares que promoveram reuniões e debates, criando agentes multiplicadores.

Atualmente algumas escolas particulares desenvolvem o programa específico de Educação Sexual ou integram a discussão em outras disciplinas. Nas escolas oficiais é dada de maneira discreta, pois não há incentivo da Secretaria de Educação, embora em alguns estados faça parte do currículo escolar. O que constatamos é que existe um trabalho de “informação sexual”, sem enfoques aprofundados relacionados aos aspectos físicos, psicológicos e sociais.

A exploração dos meios de comunicação evidencia a contradição com a escola e a família, deixando nossos adolescentes confusos em relação ao que lhes é transmitido através de valores, atitudes, tabus, preconceitos e estereótipos. A hipocrisia defende sexo no matrimônio com o objetivo de gerar filhos, não aceitando o prazer, pois sem o mesmo as pessoas se dedicam mais à população: economia, ciência, tecnologia, política a etc. O sistema vigente defende que nossas crianças sejam iguais aos adultos de ontem; assim o país e seus governantes não mudam.

Desde 1960, com a revolução sexual as pessoas começaram a questionar-se, donde originam-se os conflitos. Buscamos o prazer, embora tenhamos sido doutrinados para não senti-lo. Estas idéias dúbias trouxeram conseqüências indesejáveis, como o uso do sexo como forma de agressão, prostituição, vulgaridade pelos meios de comunicação e iniciação imatura da atividade sexual.

A vida sexual é determinada pela cultura, sistema político-econômico, educacional e social, portanto, toda renovação torna-se inadequada até que haja uma reestruturação total de valores.

Fizemos um levantamento junto às escolas públicas da cidade de

Fortaleza-CE, pretendendo avaliar qual a melhor maneira de trabalharmos com Educação Sexual, de passarmos as informações, prepararmos os professores. Pesquisamos onde já havia aulas sobre o assunto, como está a eficiência a se está ocorrendo alguma mudança de comportamento.

Com o andamento da pesquisa, dirigimos melhor nosso trabalho, dando-nos condições de uma avaliação qualitativa e quantitativa.

Sentimos desde o início a rejeição dos professores em relação ao trabalho que pretendíamos realizar. No tocante aos alunos e a diretora o interesse foi surpreendente, esta segunda, deixava sempre bem claro que sua preocupação maior era inibir qualquer atividade sexual de seus alunos.

Como podemos avaliar, a introdução da educação sexual das escolas se torna difícil. Os educadores, na grande maioria, fazem parte do universo de pais repressores e que não vivem sua sexualidade satisfatoriamente. Pesquisas mostram que 62 % das mulheres têm disfunções sexuais. Como orientar bem filhos e alunos?

Resolvemos a partir destes dados trabalhar Educação Sexual com os professores, orientadores educacionais, psicólogos, assistentes sociais e diretores de Estabelecimentos Oficiais de Ensino, para que os mesmos servissem como agentes multiplicadores, criando cada escola a sistemática que melhor lhe conviesse. Afirmamos sempre que Educação Sexual não é apenas a prevenção da gravidez indesejada e outras possíveis decorrências da prática da sexualidade, como a proliferação de doenças venéreas, e sim o questionamento dos papéis sexuais de hoje, seus valores e atitudes. Não é necessário ser sexólogo para esta atividade, mas é preciso contar com a boa vontade dos pais e educadores para entender e estudar os aspectos mais importantes do desenvolvimento sexual, podendo assim transmitir e conviver coerentemente em casa e na escola.

A seleção dos orientadores sexuais da escola é feita naturalmente, de acordo com o interesse dos mesmos: devem ter “relativo” equilíbrio emocional, conhecimento de dinâmica de grupo e psicologia evolutiva, assim como serem desprovidos de preconceitos.

Sentimos a grande dificuldade em trabalhar assuntos polêmicos como: aborto, homossexualismo, AIDS, masturbação, anticoncepção e virgindade. No entanto, esses são os assuntos mais solicitados pelos jovens.

Ensinar os métodos anticoncepcionais não implica em estimular a iniciação sexual. Os acidentes acontecem porque não estão suficientemente informados, caindo em situações desconhecidas, das quais não têm capacidade de defender-se e/ou assumí-las, e é óbvio que não é a falta de informações que evitará a vida sexual ativa. Não prevenir a gravidez é estimular o aborto ou o casamento prematuro.

Detectamos que a família, ou seja, os responsáveis pelos estudantes se colocam ainda mais ausentes o que nos fez sentir a necessidade de trabalharmos também os pais, estes de uma maneira mais informal, através de

encontros, reuniões e seminários sobre assuntos variados que nos sejam solicitados.

O problema maior que aflige aos pais é o constrangimento em relação a sexualidade de seus filhos, com o esquecimento que foram adolescentes. Fica difícil aceitar a evolução natural da sexualidade, pois a mesma existe desde o nascimento, porém vem a tona na adolescência de uma forma mais explícita.

Este constrangimento não é exclusivo dos pais. Os filhos também os tem, o que dificulta ainda mais este relacionamento. Em nossa pesquisa constatamos que na pré-adolescência (9 a 11 anos) 90% não conversam com os pais. Essa conversa deveria acontecer de uma forma coerente e honesta, de maneira informal, gradativa e em conjunto com a escola através de leituras, filmes e palestras.

Sentimos que o mau relacionamento Familiar é o principal entrave para que nosso trabalho se desenvolva de uma forma mais tranqüila e eficaz. O que nos faz ainda mais responsáveis por esta nova geração. Se os pais de hoje não vivem bem a sua sexualidade, devemos preparar nossas crianças para serem adultos mais equilibrados, o que nos dará uma nova geração mais saudável.

A deficiência do ensino público não deve nos desestimular, pois com o nosso trabalho de Educação Sexual, abrimos um espaço para informar, prevenir e integrar e não “tratar”, garantindo um trabalho profilático para o adolescente, ajudando-o a estruturar a forma de entender e agir sua sexualidade.

O programa deve despertar interesse através da praticidade e informações adequadas para cada faixa etária, que nos serão solicitadas pelos alunos através do contato direto e individual.

A escola deve fazer uma integração da Orientação Sexual a um programa didático mais amplo em conjunto: higiene e cuidados pessoais, princípios de saúde física e mental, prevenção de acidentes e doenças, educação de trânsito, sociabilização e relações humanas, assim como orientação profissional.

A verdadeira função da escola é preparar o indivíduo para a vida em todos os aspectos. A Educação Sexual no país encontrou dificuldades na sua implantação, apesar de ser reconhecida sua importância e necessidade, porém ainda não existe número suficiente de profissionais preparados para ministrar uma disciplina regulamentada na grade curricular.

Por todos esses motivos aqui citados, sabemos que a realização sexual é o objetivo de todas as pessoas, e com certeza o papel do educador é imprescindível nesta realização, no momento em que ele esclarece e desmistifica fantasias, credences, mitos e preconceitos. É através de uma relação equilibrada com o parceiro e consigo mesmo que encontrará a paz de espírito e a tranqüilidade para uma vida realizada e feliz.